



## **Telejornalismo e Identidade local: uma análise sobre o lugar do Jornal da Alterosa /Juiz de Fora<sup>1</sup>**

Livia Fernandes de Oliveira<sup>2</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora

### **Resumo**

Na ordem social vigente o telejornal ocupa um lugar relevante. Este trabalho analisa como as mensagens veiculadas pela televisão contribuem para a construção de um “lugar”, pelo qual o sujeito se posiciona e estabelece identidades, sobretudo por meio dos discursos transmitidos pelo noticiário local, tendo como foco as mensagens do programa Jornal da Alterosa Edição Regional, veiculado em uma afiliada do SBT. As visões que reflete sobre o telejornalismo como um lugar de referência a partir das pistas conceituais apontadas por Vizeu&Correia oferecem suporte para este estudo juntamente com as contribuições de Hall e Bauman sobre a construção de identidades.

### **Palavras-chave**

telejornalismo, identidade local, lugar de referência

### **Introdução**

As mensagens veiculadas pela televisão são de grande importância cultural e social para a sociedade contemporânea. Em um mundo “midiatizado” as mensagens veiculadas por este meio, em especial o telejornalismo, são as principais responsáveis pelo comportamento, valores e conceitos de uma grande parcela da população. De acordo com Bauman (2005, p.30), na sociedade marcada pela complexidade de relações, que o autor chama de “era líquido-moderna”, as identidades deixaram de ser ancoradas por instituições que apresentavam a identificação como algo natural e fixo, de forma que os indivíduos passaram a buscar uma relação de pertencimento em meios virtuais e flutuantes. Por isso atentar para as mensagens veiculadas pela mídia contribui para o entendimento de como novas identidades, sobretudo locais, têm sido estabelecidas.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação.

<sup>2</sup> Bolsista de Iniciação Científica no projeto Dramaturgia do Telejornalismo Regional: a estrutura narrativa das notícias nas emissoras de TV de Juiz de Fora. Aluna do curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Facom-UFJF. Email: liviafoli@yahoo.com.br



O desenvolvimento tecnológico e a globalização possibilitaram ao telespectador, sem sair de casa, assistir o que acontece do outro lado do planeta. O indivíduo diante da televisão tem a possibilidade de se tornar cidadão do mundo, mudando suas relações sociais, econômicas e culturais. No entanto, perante tantas informações globais o sujeito também busca conhecimento sobre a sua localidade. De acordo com Kathryn Woodward, as novas tecnologias não permitiram somente o acesso ao que é global, mas também são responsáveis por um reavivamento das identidades locais:

A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade. (WOODWARD, 2000, p. 21)

A constituição de uma(s) identidade(s) é marcada pelas relações do indivíduo com a sociedade na qual ele está inserido. Na atualidade, essa vivência do sujeito com o seu meio é permeada pelas mensagens transmitidas nos meios de comunicação, em especial pelos telejornais, sobretudo, locais. A proposta deste trabalho é apontar para a importância do telejornalismo para a construção de uma identidade local, e como essa representação do real se torna um lugar de referência para o telespectador (VIZEU & CORREIA; 2006). O estudo se dá a partir de reflexões sobre o *Jornal da Alterosa Regional (JA)*, veiculado na TV Alterosa de Juiz de Fora (afiliada ao SBT), cidade pólo da Zona da Mata mineira e de suas representações da identidade local.

### **TV Alterosa**

No início dos anos 60, a população de Juiz de Fora contava com a transmissão de três canais cariocas: a TV Tupi do Rio de Janeiro, fundada por Assis Chateaubriand; TV Rio- Canal 13, dos empresários Paulo Machado de Carvalho e João Batista do Amaral; e a TV Continental- canal 9, de propriedade de Rubens Bernardo e seus irmãos Carlos e Murilo.

Um dos capítulos mais importantes da história da televisão na cidade remete a 1964, quando Juiz de Fora se torna a primeira cidade de interior da América Latina a ser geradora de sinal televisivo, com a TV Industrial. O canal constituído depois de obter a concessão, assinada pelo então presidente João Goulart, não era afiliado a nenhuma rede



de TV. De forma que 80% da programação da TV eram ocupados por produções locais, em sua maioria programas de auditório, que agitaram a cidade por mais de 15 anos.

Os altos custos de produção televisiva fizeram com que a TV Industrial enfrentasse diversos problemas financeiros, resultando na paralisação da produção local. Assim, em 1980, a emissora passa a integrar o grupo Roberto Marinho, e a retransmitir o sinal da Rede Globo. Na época, a população juizforana vê sua programação local ser reduzida a minutos diários de telejornais. Desde 1998, por estratégias comerciais, a emissora recebe o nome de TV Panorama, e em 2003 foi vendida ao empresário Omar Resende Peres, ex-secretário de Indústria e Comércio de Minas Gerais (governo Itamar), mas permanece no ar como afiliada da Rede Globo.

Em 1990, surge em Juiz de Fora, a TV Tiradentes, que ocupava o canal 10, de propriedade do empresário Josino Aragão. De início a TV era afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), neste período a emissora local se assemelhou ao projeto da TV Industrial ao oferecer a população programas locais, policiais, de calouros, mesas de debate, programas esportivos e telejornais locais. Os programas de auditório chegaram a incomodar a outra emissora local, afiliada da Rede Globo, que limitava sua programação local somente a dois pequenos telejornais, de acordo com Domingos Frias, um dos proprietários da TV Tiradentes (LINS, 2006, p.37).

Divergências internas resultaram na extinção de diversos programas locais e afiliação da TV Tiradentes à Bandeirantes e mais tarde à Rede Record. Em 1999, a emissora passa a se chamar TV Alterosa, pertencente à rede de mesmo nome, com sede em Belo Horizonte, afiliada ao SBT. No início, a programação local ficou reduzida ao Jornal da Alterosa edição regional, veiculado de segunda a sábado, ao meio-dia. De acordo com Livia Maia em seu artigo apresentado no 3º Encontro Regional de Comunicação da UFJF, a retransmissão da programação do SBT, imprimiu nas produções locais da TV Alterosa características populares, observáveis inclusive no viés do telejornal, que ora priorizou matérias de segurança pública e de prestação de serviço, em vts ágeis e em plano seqüência.

Atualmente, a TV Alterosa produz três programas locais: Papo de Mulher com Alcione Marocolo, programa semanal voltado para o público feminino, que traz dicas de saúde, beleza e moda; Fatos em Focos, coluna social eletrônica que aborda os eventos sociais da cidade, e os também produzidos pela própria emissora, sob responsabilidade do jornalista José Luiz Magrão; e o Jornal da Alterosa (JA) edição regional, telejornal



veiculado de segunda a sábado no horário do almoço, com duração em torno de 30 minutos (no sábado a edição é de 15 minutos).

Uma vez que o JA é o programa da grade da emissora que aborda o cotidiano da cidade/ região diariamente, ele se torna o principal sistema de representação em tese responsável pela transmissão ou construção de uma identidade local.

### **A construção de uma Identidade local**

A(s) identidade(s), construídas e percebidas pelos indivíduos e grupos, estão estreitamente atreladas aos sistemas de representação. É a partir deles, dos significados apresentados por esses sistemas, que os indivíduos se posicionam como sujeitos. Assim, o estudo dos símbolos transmitidos através do telejornal local veiculado pela TV Alterosa que é foco desse artigo, auxilia na identificação das relações de pertencimento que a emissora de televisão tenta estabelecer com seu público.

De acordo com Stuart Hall (1999) a concepção da identidade incorpora a forma de compreensão do sujeito e do mundo no qual ele está inserido. O sujeito do Iluminismo seria assinalado pela racionalidade, pelo indivíduo “unificado”. A identidade de uma pessoa se basearia no centro essencial do eu. Este centro nascia com a pessoa e continuava o mesmo ao longo da existência do indivíduo. De modo que a identidade do sujeito iluminista assume uma forma fixa e imutável. Já no sujeito sociológico, o eu daria lugar ao outro, de forma que a identidade deste se dá a partir de suas relações com o outro, nas trocas culturais e de valores entre os sujeitos.

Para o sujeito pós-moderno a identidade é variável e fluída, pois ela não é determinada de forma biológica ou social, mas é produzida ao longo da existência do indivíduo. Os laços de pertencimentos são constituídos pelas representações culturais veiculadas em um mundo de relações efêmeras e complexas.

“A identidade torna-se uma celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (...) à medida que os sistemas de significação se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiantes de identidades possíveis (HALL: 1999 p.13).

A complexidade da vida moderna exige que um mesmo sujeito assuma identidades distintas e às vezes contraditórias. O indivíduo precisa em um momento



atentar para sua identidade como filho, em outro como pai, ainda, como trabalhador ou como cidadão. E esta multiplicidade se dá na atualidade em velocidades cada vez mais aceleradas e, às vezes, simultâneas. As identidades são diversas e cambiantes não só nos contextos sociais em que são vividas, mas também nos sistemas simbólicos por meio dos quais oferecemos sentidos a nossas próprias posições.

Hall ainda aborda a construção de identidades culturais por meio de culturas nacionais, estórias e mitos compartilhados e reforçados pelas mensagens veiculadas nas redes nacionais de televisão. Nesta representação as diferenças regionais e sociais seriam suplantadas pelo conceito de nação, e pela programação de caráter “nacional” que ocupa a maior parte da grade das emissoras, criando valores e o próprio sentimento de Nação.

No caso do Brasil, país continental, o sentimento de pertencente a um Estado único foi constituído, em muito, pela contribuição de uma rede nacional de televisão. Dominique Wolton aborda a simultaneidade de uma determinada sociedade, nacional, em frente à telinha, e a partir daí constrói o conceito de laço social. As mensagens transmitidas em redes nacionais se constituiriam em um laço que une indivíduos de opiniões, valores e condições sociais diferentes, mas que partilhariam de um mesmo repertório a partir do “encontro catódico”.

A televisão consegue reunir, deste modo, indivíduos e públicos que tudo tende a separar, dando-lhes a possibilidade de participar individualmente de uma atividade coletiva. Para Wolton, a força da TV como laço social vem justamente do seu caráter ao mesmo tempo ligeiramente restritivo, lúdico, livre e espetacular. É também nisso que ela se mostra adequada a uma sociedade individualista de massa, caracterizada simultaneamente por essa dupla valorização da liberdade individual e da busca de uma coesão social. Objeto cotidiano e onipresente, a TV ajudou milhões de telespectadores a se localizarem no quebra cabeças de uma modernidade que estava sempre obrigando a viver simultaneamente identidades e aspirações contraditórias (WOLTON, 1996, p. 122).

A idéia de construção da identidade, sobretudo, a nacional também é reforçada por Bauman (2005). Para o autor a idéia de nação, começou como ficção e foi se consolidando a partir das mensagens transmitidas pelas emissoras nacionais. No entanto, o autor destaca a constituição de uma identidade mediada, como espaço de refúgio em virtude da não existência de fronteiras na contemporaneidade. O indivíduo em busca de referências se fixaria em mensagens veiculadas e/ou construídas pelas



grandes mídias. Neste sentido, se faz necessário analisar quais são os símbolos, os elementos e sujeitos empregados pelos telejornais, para constituir identidades.

Nos limites desse artigo a atenção se volta para os sistemas utilizados pelos telejornais locais para a construção de uma identidade. Um dos aspectos por meio dos quais é possível buscar a compreensão da construção da identidade é identificar em qual lugar/ espaço ou por meio de que estratégias discursivas a TV regional ou local estabelece vínculos com seu público.

### **Identidade e a questão local**

Alain Bourdin contribui para a reflexão sobre a constituição do local. O autor alerta para o fato de a localidade ser concebida para além de “uma circunscrição projetada por uma autoridade”, o local passa a ter uma conotação simbólica em que se valoriza a proximidade e semelhanças sociais e culturais. O local deixa de ser um lugar demarcado por fronteiras geográficas, sendo assim uma tarefa difícil limitar o que é local. Desta forma, é a partir da valorização do encontro, da proximidade, da existência e especificidades sociais e culturais partilhadas que o local se estabelece (BOURDIN: 2001 p.25).

A proximidade produz vínculos sociais que, de acordo com Bourdin, são responsáveis pelas ilusões e paixões de identidade local. Essa proximidade se dá mediante as mensagens veiculadas nas TVs regionais, sobretudo, no jornalismo. O local se torna um território audiovisual que é constituído, por meios dos recortes e reconstrução da realidade transmitida nos telejornais locais. Estes buscam estabelecer um território de pertencimento com o seu público. Neste território o telespectador se reconhece e convive com mensagem que constituiriam um repertório comum, capaz de “enlaçar” dada comunidade. O sentimento de pertencimento se dá pela construção e veiculação de um mesmo cotidiano. Uma das estratégias utilizadas pelas emissoras de TV locais para alcançar a proximidade com seus telespectadores é a promoção de eventos e campanhas da própria emissora que são noticiados nos telejornais locais.

Mas essa busca por aproximação com o público não se ocorre de um modo ingênuo. Acarreta em credibilidade do telespectador e como consequência atrai anunciantes para a emissora. Assim a proximidade pode ser classificada como um valor notícia. Ao se ver e reconhecer diante do telejornal o público cria uma identidade com a emissora; que resulta na credibilidade do telejornal; e tem como consequência final a



geração de lucro para a TV, uma vez que atrai os anunciantes locais. (COUTINHO: 2007).

Nesse sentido vale ressaltar que, apesar do Jornal da Alterosa ser uma edição regional, transmitida para outros 126 municípios mineiros, a maioria das matérias produzidas pela equipe do jornal são referentes ao cotidiano de Juiz de Fora. Desta forma, há uma dificuldade para a constituição de uma proximidade com o telespectador regional. As mensagens veiculadas pela emissora não constroem um local (simbólico) regional e, como consequência, ocorre a não atração dos anunciantes destas cidades.

O telejornal da TV alterosa, mesmo sem estabelecer uma proximidade com toda a região, é um objeto de estudo relevante para a reflexão dos laços de pertença estabelecidos com o público juizforano. Os discursos veiculados no JA auxiliarão na compreensão de qual é o papel desempenhado pelos sistemas de representação na sociedade contemporânea.

### **JA como lugar de referência**

Na atualidade o telejornalismo é o principal meio pelo qual uma grande parcela da população busca informações. Ao assistir as notícias muitas pessoas querem mais do que uma notícia sobre algum fato específico. Elas buscam saber o que acontece na economia, na política e acompanhar o cotidiano de sua cidade, país e do mundo. Para essas pessoas o jornalismo, como apontam Vizeu e Correia (2006), é um lugar de referência.

Vizeu e Correia citam Canclini ao assinalar que para os brasileiros o telejornalismo ocupa um lugar de referência semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo. Desta forma, o telejornal assume o papel de âncora das relações sociais. Ao assistir televisão o telespectador procura uma orientação, seja para o bem ou para o mal. Por isso é preciso atentar para a construção dos fatos jornalísticos em busca de identificar como o telejornal se constitui neste lugar relevante.

Vizeu e Correia apontam que este lugar de referência é o lugar de construção do real. Para os autores a construção da realidade se dá no caso do telejornalismo como uma prática da profissão do próprio jornalista. Os profissionais envolvidos na produção das notícias elegem enquadramentos de realidade de acordo com a sua visão de mundo, escolhendo e construindo uma nova realidade. Neste sentido, ao jornalista está incumbida a função de filtrar e ao mesmo tempo passar suas impressões da realidade.

O processo de produção da notícia é extremamente complexo e envolve desde a captação, elaboração/redação/edição, uma audiência interativa. Envolve momentos de contextualização e descontextualização dos fatos. É resultado da cultura profissional, da organização do trabalho, dos processos produtivos, dos códigos particulares (as regras de redação), da língua e das regras do campo das linguagens, da enunciação jornalística e das práticas jornalísticas. (VIZEU & CORREIA, 2006, p.7)

As leituras que se podem fazer das notícias veiculadas nos telejornais se dão a partir de uma construção, ou seja, de uma seleção, recorte e constituição do fato. Vale lembrar que a realidade cotidiana seria organizada exatamente a partir dos enquadramentos das notícias; assim, o telejornal local contribuiria para a construção da realidade social e poderia ser entendido como uma forma de conhecimento.

Por isso se torna relevante o trabalho de apuração do profissional, na tentativa de evitar o erro. Neste sentido as notícias devem trazer os detalhes envolvidos no caso para que ao telespectador não reste dúvida sobre o fato noticiado. Os autores ainda apontam a necessidade de ouvir mais de uma fonte “as várias faces de um acontecimento devem ser apresentadas” (2006, p.6). O jornalista deve se empenhar em buscar a maior objetividade possível, e se policiar para não alterar textos e documentos que envolvem a matéria. Para evitar o erro o profissional deve se empenhar na investigação, caso este ocorra, cabe ao veículo retificar a informação.

Neste sentido, a editora do Jornal da Alterosa, Gilze Bara, afirma que para evitar a falha aos repórteres é passada a orientação de sempre ouvir mais de uma fonte, e quando não se consegue ouvir um lado da questão, o JA noticia a tentativa do telejornal em contatar a fonte em questão. Outra postura adotada pelo JA, de acordo com a editora, é o fato da TV Alterosa não divulgar imagem e nome de suspeitos de crimes. A orientação vem da sede da TV de Belo Horizonte, e divulga somente nomes e imagens dos cidadãos que foram julgados e condenados. Esta atitude, na visão de Bara, evitaria falhas de pré-julgamento e/ou condenação midiática.

Acompanhando o fazer jornalístico, Vizeu e Correia apontam funções que o telejornalismo desempenha como forma de conhecimento: *exotérica*, *didática*, de *segurança* e de *familiarização*. O jornalismo exerce sua função exotérica quando torna o discurso dos mais diversos temas compreensível para o público. Esta função é aplicada, muitas vezes, quando por meio do telejornal o grande público assimila mensagens sobre economia, direito, saúde, dentre outros.





A função didática é aplicada, de acordo com os autores, quando o jornalista se apresenta como um “enunciador pedagógico”, ou seja, quando a notícia visa orientar seu público, tem por objetivo orientar seu telespectador, respondendo-lhes questões. Neste sentido a função didática insere pedagogia nas mensagens televisivas, fazendo da notícia uma mediadora entre os variados campos do conhecimento e o público.

A terceira função desempenhada pelo telejornal é a de segurança, esta se dá quando o noticiário atua como uma referência de estabilidade e segurança para as pessoas diante da telinha. Neste contexto, a característica do telejornal de ser uma referência contínua, diária sobre o cotidiano da sociedade, exerceria o papel de ser o espaço que garante ao telespectador a possibilidade de uma continuidade de do mundo. Assim, ao assistir o telejornal o sujeito, mesmo diante dos relatos sobre violência, no final das matérias reconhece que apesar do horror, o mundo é um lugar onde se é possível viver. Esta função é observável quando depois de uma notícia de hostilidade, o telejornal termina com matérias consideradas “leves”, muitas vezes, sobre cultura ou saúde com mensagens tranquilizadoras.

“No que diz respeito ao telejornalismo poderíamos dizer que a forma como os telejornais organizam o mundo procurando dar uma ordem o caos circundante tornaria-o um lugar de *segurança ontológica* para as pessoas”. (2006, p.11).

A função de familiarização acontece quando o telejornal apresenta ao telespectador algo que é novo de maneira natural. O jornalismo seria o lugar no qual aquilo que é incomum, particular se apresenta perante a sociedade como algo familiar, comum. Diante destas funções o estudo agora se volta na tentativa de identificá-las nas mensagens transmitidas no Jornal da Alterosa. A análise se dá a partir de estudo feito por Nina Scafutto (2006), a autora baseou trabalho em identificar a presença de recursos da dramaturgia na narrativa do noticiário local (COUTINHO: 2003). Para isso a autora utilizou como recorte empírico edições do programa veiculadas entre os dias 22 de agosto a 02 de setembro de 2005.

Nesse sentido vale ressaltar que, apesar do Jornal da Alterosa ser uma edição regional, a maioria das matérias produzidas pela equipe do jornal são locais. Os fatos mais abordados pelo noticiário são os que acontecem em Juiz de Fora cidade sede da TV, os telespectadores dos outros 126 municípios que recebem o sinal da Alterosa dificilmente conseguem se ver na telinha. Mesmo sem conseguir estabelecer uma proximidade com toda a região, o telejornal da TV Alterosa é um objeto de estudo



relevante para a reflexão sobre a constituição de um lugar de referência para o público de Juiz de Fora.

A função exotérica é exercida no JA, de acordo com a editora do telejornal, Gilze Bara. A editora afirma que uma das características das matérias veiculadas é a linguagem simples. “E preciso falar de um modo que os telespectadores entendam o que está sendo dito”. Essa necessidade de utilizar uma linguagem simples e fácil de ser compreendida é justificada pelo público do telejornal analisado ser composto em sua maioria por telespectadores de pouco poder aquisitivo e/ou nível sociocultural. Outra matéria que identifica a função exotérica no telejornal é quando o noticiário aborda o novo código de postura da cidade, explicando que uma das decisões que o novo decreto estabelece é a questão do horário de funcionamento do comércio na cidade.

A segunda função é a didática, na qual o jornalista aparece como um enunciador pedagógico, e a notícia cumprem o papel de mediadora entre os “diversos campos de conhecimento e o público”. Nesta função se enquadram as notícias em que fica claro qual é o comportamento que se espera do telespectador diante das informações veiculadas. Em seu artigo Nina Scaffuto aborda uma das matérias veiculadas pelo Jornal da Alterosa Edição Regional que pode ser enquadrada nesta função. O tema da reportagem é a poluição em um ponto turístico de Juiz de Fora, o Parque da Lajinha. Na narrativa veiculada pela emissora de TV local o cidadão juizforano ocupa a posição de vilão, culpado pela poluição do parque. “A falta de consciência dos visitantes prejudica o meio-ambiente”, essa é a frase em off que abre a matéria. Espera-se do telespectador que ele crie uma consciência ambiental e preserve o local quando visitá-lo.

A função de segurança, na qual o telejornal se estabelece como um lugar em que o sujeito se sente seguro apesar dos conflitos existentes na atualidade, é identificada no JA nas matérias em que os policiais aparecem como heróis, mantenedores da ordem. Uma destas matérias é um texto de nota ao vivo veiculada no período de análise:

Um homem atropelou 3 pessoas em Juiz de Fora e fugiu. O acidente foi na madrugada de sábado para domingo na rua Santo Antônio, no centro da cidade. Segundo a polícia, um rapaz supostamente alcoolizado perdeu o controle do carro atingindo os jovens. Mais tarde, o suspeito foi encontrado pela PM na Rua Halfeld e foi autuado. As vítimas tiveram ferimentos leves, foram atendidas no HPS e liberadas. (JORNAL DA ALTEROSA, 2005)

Neste caso é transmitida a população o valor de eficiência e confiança que o público pode ter em relação à polícia de Minas. E que apesar de a violência estar



presente, a polícia está pronta para defender a população e manter a ordem na sociedade. Assim, o telespectador não precisa ter medo ao sair de casa, porque a polícia está atenta para servir a cidade. Apesar de 38% das matérias veiculadas no JA serem da editoria de polícia/justiça, os policiais aparecem, na maioria das vezes, como heróis, o que é característico do imaginário construído da polícia mineira.

Em consequência da função de segurança surge a função de familiarização. Nesta o telejornal aparece como responsável de tornar o mundo, as novidades o estranho menos hostil. Esta função é identificada na cobertura do telejornal sobre o Miss Brasil Gau. No discurso do JA a parada Gay de Juiz de Fora ganha um caráter socializador, aborda o público juizforano é capaz de lidar com as diferenças, e está aberta às múltiplas identidades possíveis no mundo moderno.

Iluska Coutinho (2006) ao analisar a cobertura dos telejornais da cidade sobre o Miss Brasil Gay, no mesmo período em questão, observa que é numa perspectiva positiva ou quase elogiosa que o discurso sobre o evento é construído no JA. E junto com a familiarização acontece a função pedagógica, na qual as mensagens veiculadas orientam a postura que o telespectador deve ter diante do evento na cidade, respeito com os homossexuais.

O texto do apresentador explicita o caráter entusiástico da cobertura: “50 mil pessoas e um único pedido: respeito aos homossexuais. Foi assim a 3ª parada da cidadania e do orgulho GLBT, a maior do estado de Minas realizada em Juiz de Fora” (Jornal da Alterosa-JF). (COUTINHO, 2006).

A função de familiaridade no JA também pode ser identificada na interatividade que o telejornal tenta estabelecer com o seu público. Por meio do Canal Interativo, telefone pelo qual o telespectador é convidado a dar a sua opinião sobre um assunto relevante da semana, o indivíduo também é convidado a participar da construção deste lugar de referência. O receptor pode dar suas sugestões de pautas, além de concorrer prêmios, em sua maioria, ingressos de eventos promovidos ou apoiados pela emissora. Assim, o JA faz uso de ferramentas de aproximação com o telespectador como: telefonemas, recados, promoções, enquetes e e-mails. Todas com o objetivo de oferecerem a sensação de interferência na programação, buscando uma familiaridade com o público.

Ao identificar a presença das funções do jornalismo como forma de conhecimento nas edições do Jornal da Alterosa Edição regional pode-se concluir que o JA se estabelecer como um lugar de referência para o telespectador juizforano. O



telejornal aparece como um lugar no qual a ordem social é estabelecida e em que o indivíduo pode se participar de uma sociedade, mesmo que imaginada.

### Referências bibliográficas

COUTINHO, Iluska. Dramaturgia do telejornalismo brasileiro: a estrutura narrativa das notícias em TV. Tese de doutorado em Comunicação Social. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2003.

\_\_\_\_\_. Telejornalismo e identidade em Juiz de Fora: a (re) afirmação da diferença na cobertura do Miss Brasil Gay. Trabalho apresentado ao NP de Jornalismo, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

\_\_\_\_\_. Telejornalismo e identidade em Emissoras locais: a construção de contratos de pertencimento. In: Mimeo. 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LINS, Aline Maria Grego. Falibilismo: incertezas na construção do telejornalismo. In: INTERCOM, 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2005. CD-ROM.

MAIA, Livia. Desenvolvimento da TV em Juiz de Fora: um olhar sobre a TV Alterosa. In: INTERCOM, 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2005. CD-ROM

MATA, Jhonatan. Vícios e virtudes no telejornalismo local: uma análise dos personagens no MGTV 1ª edição. In: IV Encontro Regional de Comunicação, 2006, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: UFJF, 2006. CD-ROM

MOTA, Cecília Ladeira. O telejornal como referência do presente. In: INTERCOM, 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2005. CD-ROM.

SCAFUTTO, Nina. Dramaturgia no telejornalismo regional: a construção da identidade juizforana através de personagens do “Jornal da Alterosa – Edição Regional”. In: IV Encontro Regional de Comunicação, 2006, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: UFJF, 2006. CD-ROM

VIZEU, Alfredo Eurico & CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: SBPJR 2006, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: 2006.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução conceitual, in: SILVA, Tomaz Tadeu (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.